



O CONVÍVIO COM AS DIFERENÇAS NA UNIVERSIDADE

Episódios polêmicos envolvendo a comunidade acadêmica acendem o debate sobre direitos humanos. O desafio está posto: o que fazer para evitar o acirramento?

PÁGINAS 4 e 5

Entenda por que a UFC avançou em um dos maiores rankings da América

PÁGINA 3

JR. PANELA



Serpentes são do bem!

No Campus do Pici, o Núcleo Regional de Ofiologia possui cerca de 100 cobras e realiza atividades de pesquisa e extensão

PÁGINA 6



Brisa fresca em Sobral

A estudante Thaís Félix conta que a escadaria do Restaurante Universitário é um dos lugares mais agradáveis (e ventilados) de Mucambinho

PÁGINA 2

Tratamento adequado para a depressão

No Hospital Universitário, o Proadere presta atendimento gratuito a pacientes que não tiveram sucesso em tratamentos médicos anteriores

PÁGINA 7

RIBAMAR NETO



Impactos da pobreza

Núcleo de Psicologia Comunitária (Nucom) investiga como a desigualdade repercute na subjetividade de pessoas em situação de vulnerabilidade

PÁGINA 8

EDITORIAL

O lugar das universidades em um cenário de acirramento

O debate sobre tolerância e respeito aos direitos humanos tem ganhado novo fôlego nos últimos anos em diversos espaços da esfera pública. Não tardou para que o assunto chegasse com força às universidades, sobretudo devido à emergência de episódios polêmicos envolvendo a comunidade acadêmica. Nesta edição do *Jornal da UFC*, convidamos pesquisadores para avaliar o atual cenário, dando dicas preciosas sobre como evitar o aprofundamento de situações controversas.

O leitor também terá a oportunidade de saber mais sobre o Núcleo Regional de Ofiologia (Nurof), que conserva mais de 100 cobras, e sobre o Programa de Apoio ao Deprimido Refratário, que atende pacientes com depressão resistente. Esperamos que goste da leitura. Para críticas e sugestões de pauta, escreva para ufcinforma@ufc.br.

MEU LUGAR É AQUI

RIBAMAR NETO



Point do “ventinho” no Campus de Sobral

No Campus da UFC em Sobral, o movimento dos estudantes nas proximidades do Restaurante Universitário é intenso, e eles não vão lá apenas para comer. Thaís Félix, 18, estudante de Engenharia da Computação, explica que a escada em frente ao RU é o lugar preferido dos alunos. E sabe qual o motivo? Porque lá é onde passa um ventinho refrescante que, no já famoso calor de Sobral, torna-se mais do que necessário. “A gente costuma ficar

aqui nas escadas porque é o lugar mais ventilado. Costumamos vir quando o sol está mais frio, à tarde”, explica. A estudante está no primeiro semestre do curso. Mudou-se de Itapipoca para estudar em Sobral e está morando em um pensionato na cidade. Como não conhecia ninguém da turma, os momentos fora de aula desse primeiro semestre têm rendido muitos assuntos nas escadas do RU, aproveitando o vento que passa por Mucambinho.

EXPEDIENTE

ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DA UFC: REITOR: Henry de Holanda Campos. VICE-REITOR: Custódio Almeida. COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E MARKETING INSTITUCIONAL: COORDENADOR: Nonato Lima. COORDENADOR ADJUNTO: Chico Neto. ACESSOR DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL: Italo Gurgel. EDIÇÃO: Hébelly Rebouças. TEXTOS: Cristiane Pimentel, Erick Guimarães, Marcos Robério, Milena Ribeiro e Sérgio de Sousa. REVISÃO: Maria das Dores de Oliveira Filgueira, Rogeria Batista Vasconcelos e Sílvia Marta Costa. FOTOS: Jr. Panela, Ribamar Neto e Viktor Braga. DIAGRAMAÇÃO: David Motta e Norton Falcão. Artigos e/ou matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal ou da UFC.

REDAÇÃO: Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza-CE - CEP: 60020-181 - ufcinforma@ufc.br
FONES: (85) 3366 7330 - 3366 7331 - 3366 7936 - 3366 7938

NOTAS

FICA MCTI

Pela volta do Ministério da Ciência e Tecnologia

DIVULGAÇÃO



As universidades brasileiras permanecem em mobilização contra a decisão do governo federal interino de fundir o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) com o das Comunicações. Uma série de debates e audiências públicas tem sido promovida no sentido de alertar a sociedade sobre os prejuízos da mudança. A Administração Superior da UFC lançou uma nota de repúdio à fusão, na qual classifica a medida como um “retrocesso à pesquisa brasileira”. Diz a nota: “Consideramos que as agruras atuais de nossa economia exigiriam do Governo, ao invés de criar um ministério híbrido, investir na autonomia do MCTI, fortalecê-lo e até propiciar-lhe meios de dar passos mais audaciosos. [...] A ciência e a tecnologia são causas nacionais, como atesta a pesquisa sobre percepção pública de C&T, segundo a qual o interesse pelo tema sobrepuja até mesmo as áreas de arte, cultura, esportes e política. [...] Trata-se, acima de tudo, de assegurar a continuidade de projetos que levaram décadas para se firmar e que, agora, pela própria dinâmica inovadora e competitiva da atividade de pesquisa, podem desfazer-se em um cenário de incerteza na gestão e nos recursos”. A íntegra da nota está no portal da UFC: bit.ly/29ch0pB.



NOVA DISCIPLINA

Direito dos Refugiados

A Faculdade de Direito da UFC vai ofertar, a partir de 2016.2, a disciplina Direito dos Refugiados, aberta a todos os alunos de graduação. As aulas serão às quintas-feiras, das 16h às 18h. A disciplina será ministrada pela Profª Theresa Rachel Couto, doutora em Direito Internacional e Integração Econômica e coordenadora de pesquisas sobre refugiados no Brasil.

PÓS-GRADUAÇÃO

UFC adere ao Mestrado Profissional em Filosofia em rede

O Consuni aprovou a adesão da UFC ao Mestrado Profissional em Filosofia. O curso será ofertado em rede nacional, coordenada pela Universidade Federal do Paraná, e terá a UFC como um de seus polos. O mestrado tem duas linhas

de pesquisa: “Filosofia e ensino” e “Prática de ensino em Filosofia”. A expectativa é que o primeiro edital de seleção do mestrado seja lançado entre julho e agosto, com provas previstas para outubro ou novembro e início das aulas em 2017.1.

QS UNIVERSITY RANKINGS

UFC avança sete passos e é a 87ª da América Latina

Os motivos? Professores estão produzindo mais artigos e seus trabalhos estão sendo mais citados

Nos laboratórios do Núcleo de Pesquisas e Desenvolvimento de Medicamentos, o Prof. Manoel Odorico de Moraes lidera uma equipe com cerca de 40 pesquisadores. O grupo se divide em dois ramos: um se dedica a estudos pré-clínicos com moléculas que tenham atividades terapêuticas contra o câncer; o outro testa em pacientes as moléculas que já passaram por esses exames pré-clínicos.

Por lá, 21 pesquisas chegaram a ser realizadas simultaneamente, inclusive em parceria com instituições estrangeiras. É esse nível de produção, expressa em trabalhos de várias unidades acadêmicas, um dos motores do crescimento da UFC no ranking das melhores universidades da América Latina, do QS University Rankings. A UFC passou da 94ª para a 87ª posição na região, entre mais de 300 instituições listadas, subindo ainda da 23ª para a 20ª posição nacional.

ENTENDENDO O RANKING

Em metade dos oito critérios do QS, a UFC ficou entre as 50 melhores: é a 26ª na relação entre artigos publicados e corpo acadêmico, a 39ª na participação em redes internacionais de pesquisa e a 41ª no número de citações em artigos acadêmicos. A Universidade também se destacou na 32ª posição no quesito impacto na web, que considera o uso de novas tecnologias.

“O avanço mostra que a UFC evoluiu na pesquisa de qualidade, fato confirmado pelos indicadores referentes a citações por artigo e internacionalização. No entanto, devemos ter consciência de que podemos fazer bem mais. Em quase todas as áreas, o impacto de nossa pesquisa ainda é inferior à média mundial e esse quadro precisa mudar”, afirma o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Prof. Antonio Gomes.

O ranking também mostra que a UFC é a 143ª em reputação acadêmica, um indicativo de que, apesar do bom desempenho, o nome da Instituição precisa ser mais bem projetado. • **ERICK GUIMARÃES**



GUILHERME BRAGA

Os rankings são acompanhados pela Coordenadoria de Planejamento e Gestão Estratégica, cujo titular é o Prof. Augusto Albuquerque

87ª

É a posição da UFC entre as universidades de toda a América Latina, de acordo com o QS University. O ranking dá peso especial a pesquisas de opinião que aferem a percepção da comunidade acadêmica e dos empregadores sobre as instituições

20ª

É como a UFC aparece entre todas as universidades do Brasil, segundo o QS

3ª

É a posição da UFC no Nordeste, de acordo com o mesmo ranking



Produção científica

Conheça os pesquisadores da UFC com maior número de citações em trabalhos acadêmicos. Foram considerados os 10 mais citados nas bases de dados do Google Acadêmico e da Web of Science (alguns aparecem nas duas listas):

Centro de Ciências

Antonio Gomes Souza Filho
Benildo Souza Cavada
Edilberto Rocha Silveira
José Soares de Andrade Júnior
Josué Mendes Filho
Paulo de Tarso Cavalcante Freire

Centro de Tecnologia: Fabiano Fernandes

Faculdade de Medicina

Aldo Ângelo Lima
Cláudia do Ó Pessoa
Lígia Kerr
Manoel Odorico de Moraes Filho
Ronaldo de Albuquerque Ribeiro*

Labomar

Luiz Drude de Lacerda

*O Prof. Ronaldo Ribeiro faleceu em outubro de 2015.



É só marketing? Saiba para que serve um ranking

Criados para avaliar a excelência acadêmica, os rankings universitários internacionais se multiplicaram em meados dos anos 2000. Da mesma forma que ganharam visibilidade, também passaram a sofrer questionamentos, seja pela discrepância nos resultados, seja pela crítica a seu uso como ferramenta de marketing.

De modo geral, os levantamentos se valem de médias ponderadas de indicadores de desempenho bem conhecidos, com pesos e bases de dados diferentes. Por isso, é preciso ficar atento à metodologia de cada um para entender o que, de fato, está sendo analisado.

Na Universidade Federal do Ceará, os rankings são acompanhados pela Coordenadoria de Planejamento e Gestão Estratégica, da Pró-Reitoria de Planejamento. “Os rankings são um pacote de avaliação”, diz o Prof. Augusto Albuquerque, responsável pelo setor. “Se começamos a ser captados por esses radares internacionais, quer dizer que estamos em certa convergência em itens que reconhecem qualidade. E, uma vez

bem situados, isso facilita futuros intercâmbios, trabalhos em parceria e até a possibilidade de captação externa de recursos”, completa.

Albuquerque explica que o realinhamento estratégico da UFC, iniciado no ano passado, tomou como indicadores aspectos avaliados por alguns desses rankings. A Pró-Reitoria de Planejamento, por exemplo, abriu os dados do Ranking Universitário da Folha (RUF) e constatou que muitos indicadores coincidiam com estratégias que a Universidade considera relevantes.

Mas a adoção desses parâmetros não é automática. O QS, por exemplo, entende que quanto menor a razão aluno/professor melhor será a qualidade de ensino. A UFC, que já possui uma média de 13 alunos por professor, trabalha com a perspectiva de aumentar a abrangência de sua atuação no Estado, o que, na prática, significa ir na contramão desse indicador. “É sempre preciso avaliar o caso concreto. Mais importante que o número em si é o que ele nos sinaliza como instituição”, resume.

LIDAR COM AS DIFERENÇAS

Por uma cultura de paz na UFC

No Brasil e no mundo, as universidades também se tornam palco de intolerância e desrespeito aos direitos humanos. Especialistas da UFC avaliam o cenário

Uma das experiências humanas mais ricas e, ao mesmo tempo, mais geradoras de conflitos é a relação com o outro. É na lida com o diferente que se exercita a cidadania, mas, muitas vezes, é nesse ato que se descortinam atitudes de intolerância e preconceito. Tais embates se dão no cotidiano, nos mais diversos ambientes. Todavia, como explicar a emergência desses enfrentamentos dentro das universidades, que são, historicamente, instituições associadas à defesa de valores que visam à promoção da sociabilidade e da emancipação humana?

“As universidades, de certo modo, são fruto do meio em que se encontram enclavadas. Sociedades conservadoras tenderão a repercutir essa mentalidade em suas universidades”, analisa o professor da Faculdade de Direito Marcos Colares, autor do livro *Ensaio e improvisos: direitos humanos na contemporaneidade*.

Recentemente, alguns casos envolvendo estudantes da UFC colocaram a discussão sobre direitos humanos na ordem do dia na Instituição. São fatos que tocam em questões como homofobia, racismo e outros tipos de intolerância.

O Vice-Reitor da UFC, Prof. Custódio Almeida, concorda com o posicionamento de Colares e reforça que o fenômeno não é endógeno ao ambiente acadêmico. “A situação do País e o acirramento de disputas essencialmente políticas terminam reverberando também em questões de outro nível de intolerância. O carro-chefe é esse. São as disputas ideológicas no âmbito nacional, e isso chega

à Universidade, com os ânimos acirrados”, analisa.

EXTREMISMO

A professora do Departamento de Administração Cristiane Aquino de Souza, doutora em Direitos Fundamentais pela Universidade Autônoma de Madri, vai além, argumentando que casos como esses se intensificam não só no Brasil, mas no âmbito internacional, motivados, segundo ela, pelo fortalecimento de grupos extremistas.

“Essa não aceitação do outro abre espaço para a violência e o desejo de eliminar e/ou humilhar a presença indesejada ou considerada inferior, em vez de aprender a conviver com a diversidade. Dessa forma, o que tem ocorrido nas universidades é reflexo do crescimento do protagonismo desses grupos e indivíduos extremistas, intolerantes”, avalia.



A ignorância é a principal fonte de injustiça, a principal fonte de intolerância, de desrespeito ao outro”

Prof. Custódio Almeida
Vice-Reitor da UFC

Apesar de terem situações de preconceito e ódio repercutidas em seus ambientes, as universidades podem ser protagonistas de mudanças sociais, conforme defende o Prof. Marcos Colares. “As univer-

sidades também são instrumentos de ruptura”, afirma o docente, que foi vice-presidente da Comissão Nacional de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Com essa perspectiva posta, uma questão se interpõe: como instalar uma cultura de paz dentro do ambiente acadêmico?

LIBERDADE

“O respeito à dignidade do outro, seja quem for, é um princípio fundamental do qual não podemos abrir mão. As pessoas têm o direito de pensar diferente, manifestar suas ideias livremente. Não é possível admitir, no entanto, o uso da liberdade de expressão como meio para esconder os atentados à dignidade do outro”, observa o professor do Departamento de Ciências Sociais Luiz Fábio Paiva.

“Precisamos entender este momento, dialogar com as diferenças, mas, sobretudo, deixar muito claro que não abrimos mão da democracia e de um Estado fundamentado em políticas de defesa e promoção dos direitos humanos”, conclui o professor, que é integrante do Laboratório de Estudos da Violência (LEV).

O Vice-Reitor Custódio Almeida, professor do Curso de Filosofia da UFC, acredita que a

maior ferramenta de combate ao preconceito e à intolerância é o conhecimento. “Eu tenho uma formação platônico-socrática e dá para, ainda hoje, 25 séculos depois, dizer que a maior fonte de injustiça, em todos os níveis, ainda é a ignorância”, diz Almeida, referindo-se a Platão e Sócrates, pensadores gregos considerados os fundadores da filosofia ocidental.

“Esse é um ensinamento que está na base da cultura ocidental. A ignorância é a principal fonte de injustiça, a principal fonte de intolerância, de desrespeito ao outro”, defende.

“Se a gente não discute, não lê, não tem fórum, a tendência natural é repercutir a homofobia, a xenofobia, o machismo”, completa. “Quem convive com a diferença passa a perceber essa convivência como algo absolutamente comum, algo igual a conviver com sua família.”

• SÉRGIO DE SOUSA



Comissão da UFC terá papel proativo no debate

Em junho deste ano, a UFC homologou uma lista com os nomes dos 21 membros de sua Comissão de Direitos Humanos, formada por representantes de professores, estudantes e servidores técnico-administrativos.

Os integrantes terão mandato de dois anos. Os nomes foram indicados pelas unidades acadêmicas.

Segundo o Vice-Reitor Custódio Almeida, "a comissão não ficará de plantão esperando fatos de corrupção dos direitos humanos. Ela não foi constituída para isso, mas para ser um fórum permanente de discussões sobre o tema".

O grupo ainda terá a prerrogativa de analisar e emitir pareceres sobre fatos que exijam posicionamento da Instituição.

Outra tarefa será acumular conhecimento acadêmico sobre o tema, reunindo pesquisas para formar um acervo.

O novo instrumento terá, ainda, a função de recomendar sanções que vão do aconselhamento à abertura de processo administrativo disciplinar.

De acordo com o Reitor Henry Campos, a proposta é que a comissão atue com o máximo de autonomia. A rotina de trabalho ainda será definida pelos próprios membros.

Integram a comissão:

Arthur Callado (docente – Quixadá),
Cássio Aquino (docente – CH),
Christian Monteiro (docente – CC),
Cléber Domingos Cunha (docente – FFOE),
Edvanira Oliveira (técnico-administrativa – SODS),
Ercília Braga (docente – Faced),
Fábio Matos (docente – Labomar),
Fernando Lincoln Carneiro (docente – UFC Virtual),
Francisco Jonatan Soares (técnico-administrativo – Biblioteca Universitária),
Gema Galgani (docente – CCA),
Geovana Cartaxo (docente – Fadir),
Izabel Cristina de Medeiros (técnico-administrativa – MEAC),
Jorge Luiz Nobre Rodrigues (docente – Famed),
Lara Capelo Cavalcante (docente – FEAC),
Lindberg Gonçalves (docente – Russas),
Carliana Nascimento (estudante – C. Sociais),
Paulo Henrique Quinderé (docente – Sobral),
Rafael dos Santos da Silva (docente – Crateús),
William Magalhães Barcellos (docente – CT),
Mariana Lacerda (estudantes – C. Sociais)
Jéssica Rebouças (estudante – Eng. de Pesca)



Redes sociais ou antissociais?

A popularização das redes sociais da Internet criou um novo espaço de debates e circulação de informações, no qual as opiniões de qualquer pessoa têm a oportunidade de ganhar visibilidade e repercutir. É nesse espaço heterogêneo e democrático que se concentra parte significativa das polêmicas trazidas à discussão pública, muitas delas envolvendo casos de transgressão aos direitos humanos.

"Vivemos um tempo de maior visibilidade das demandas sociais por conta da difusão de novos instrumentos midiáticos (tais como Facebook, Whatsapp e Instagram). Por outro lado, se as redes sociais ampliaram a possibilidade de 'dar' voz às pessoas, também aumentou a possibilidade de manipulação da informação. Assim, a necessidade de análise de cada postagem precisa crescer. Tratar como 'verdadeiro' qualquer conteúdo está em desconhecimento com o espírito crítico – um dos papéis mais relevantes da vida acadêmica", diz o Prof. Marcos Colares, da Faculdade de Direito.

O Prof. Glauco Barreira Magalhães, também da Faculdade de Direito, aponta a necessidade de cuidados no uso dessas mídias. "Não há como impedir a precipitação de opiniões. É preciso apenas uma pessoa falar para que se desencadeie uma discussão com aqueles que ainda estavam amadurecendo ideias. O que podemos incentivar é a humildade, a prontidão para mudar de opinião", afirma Magalhães, doutor em Sociologia e livre-docente em Filosofia do Direito.

O docente acrescenta: "É importante também evitar os xingamentos, exibições de superioridade e agressões aviltantes. Elas criam inimizades, preconceitos e bloqueiam a comunicação e o mútuo convencimento".

A professora do Departamento de Administração Cristiane Aquino de Souza destaca que as redes sociais trazem a contribuição de ampliar e disseminar informações, mas, por outro lado, possibilitam a articulação de discursos de ódio e intolerância, pedofilia, além da ampla divulgação de informações inverídicas.

Para o Vice-Reitor Custódio Almeida, as pessoas precisam amadurecer sua relação com essas redes virtuais. "Pela rapidez com que as pessoas assumem os fatos na rede e os veiculam, perde-se a visão de conjunto, descontextualiza-se a ocorrência", conclui.



NÚCLEO REGIONAL DE OFIOLOGIA

JR. PANELA



Menos pavor e mais conhecimento sobre as serpentes

Com cerca de 100 cobras, o Nurof está aberto a visitas. Conheça o potencial desses animais

Você sabia que as cobras são do bem? É o que diz a equipe do Núcleo Regional de Ofiologia (Nurof) da UFC. Pesquisas demonstram que apenas 14% das 375 espécies de serpentes encontradas no Brasil são peçonhentas, ou seja, possuem veneno e um mecanismo que lhes permite injetá-lo no organismo de outro animal. O Nurof tem como objetivo pesquisar a biologia de anfíbios e répteis, principalmente as serpentes.

O núcleo nasceu em 1987 com o intuito de criar serpentes das espécies regionais e retirar o veneno para produção de soros nos centros cadastrados pelo Programa Nacional de Ofidismo. O objetivo do Programa era produzir o soro antiofídico para diminuir os óbitos através dos tratamentos e realizar ações de esclarecimento visando prevenir acidentes ofídicos. Hoje, o Nurof continua com essa atividade, mas com foco em pesquisa, divulgação científica e educação ambiental em áreas urbanas e rurais.

Dentre as ações de extensão promovidas estão: treinamento e divulgação científica sobre ofidismo para técnicos, exposição e divulgação sobre ofidismo em eventos e espaços públicos, revitalização do Nurof: exposição, divulgação e treinamento sobre

serpentes e ofidismo para a comunidade estudantil, e Nurof nas nuvens: educação ambiental e divulgação científica na era da Internet.

O plantel (conjunto de animais) das serpentes ocupa boa parte das instalações. Possui cerca de 100 cobras, mas esse número costuma variar de acordo com a quantidade de resgates e óbitos de serpentes. Em outra sala, estão centenas de espécimes da fauna regional conservados em frascos com álcool. Trata-se das coleções científicas utilizadas nas pesquisas do Nurof.

Os animais chegam ao Nurof de diversas formas, mas a principal delas é o resgate, quando alguém se depara com uma espécie de cobra e entra em contato com o núcleo. Chegando lá, a condição de saúde do animal é analisada e, dependendo do caso, ele pode voltar à natureza ou passar a fazer parte do plantel do Nurof ou de outro centro de pesquisa.



SERVIÇO

O Nurof é aberto a visitas. Basta agendar. E não há limite de idade. A visita é guiada e conta com uma palestra sobre as serpentes.

Fone: 85 3366 9801.

Endereço: bloco 905, Campus do Pici Prof. Prisco Bezerra, ao lado do Departamento de Biologia.



Veneno para produzir remédios? Saiba curiosidades

JR. PANELA



Coordenada pela Prof^a Diva Nojosa (esq.), a equipe do Nurof é composta por três bolsistas de extensão, uma médica veterinária, uma bióloga, nove alunos de pós-graduação, seis de graduação e vários colaboradores.

No Brasil ocorre uma média de 20 mil acidentes por ano, porém somente cerca de 1% chega a óbito.

As luzes das salas onde ficam as cobras são ligadas durante o dia e apagadas à noite. Isso faz com que elas mantenham o biorritmo, diferenciando a noite do dia.

As cobras ficam doentes. E, quando isso acontece, é preciso isolá-las, para evitar que as outras sejam infectadas. No laboratório do Nurof, são estudadas as enfermidades que acometem esses animais.

Para garantir o sucesso das pesquisas, o plantel tem de estar bem de saúde. Para entrar em cada sala, é preciso molhar o solado dos sapatos em uma solução com água sanitária, diminuindo os riscos de contaminação.

O veneno da cobra serve para produção de diversos remédios, entre eles os utilizados para controle de pressão arterial. E ainda há muito o que se descobrir de benefícios em relação ao veneno desses animais.

No Nurof já aconteceram alguns casos de postura de ovos e nascimentos: nas duas maiores ninhadas os filhotes se desenvolveram.

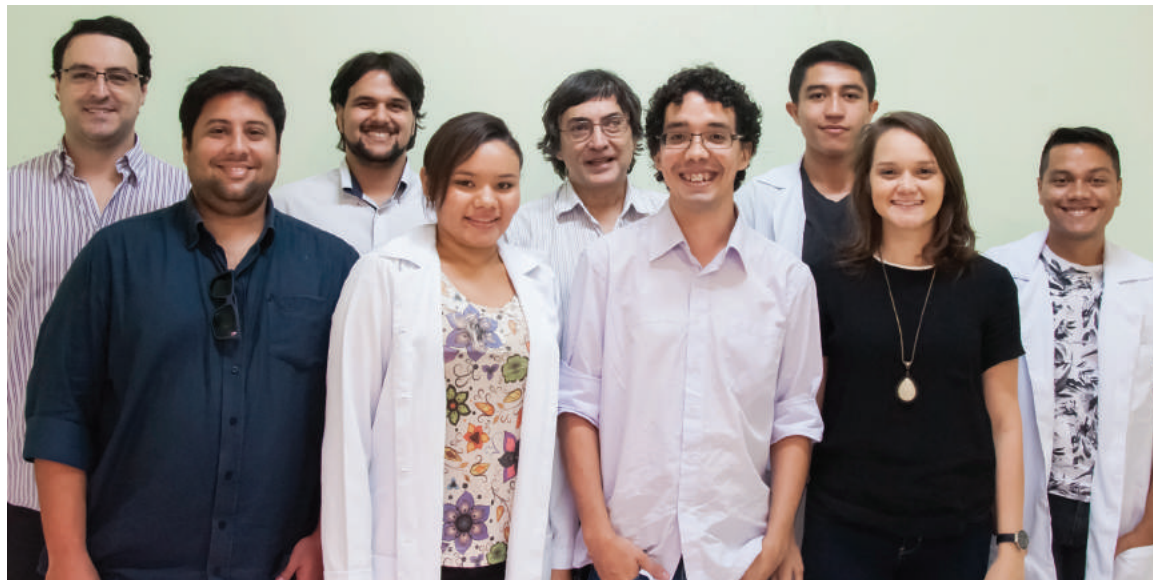
O "xixi" da cobra chama-se "urato" e é em pasta, sendo liberado junto com as fezes.

SAÚDE MENTAL

Depressão resistente: a UFC pode ajudar

O Programa de Apoio ao Deprimido Refratário, no Hospital Universitário, presta atendimento a quem não teve sucesso em tratamentos anteriores

RIBAMAR NETO



A equipe do Proadere recebe pacientes encaminhados de outras unidades de saúde ou através de demanda espontânea

Uma das doenças incapacitantes mais comuns da atualidade, a depressão é um problema crescente. Dados do IBGE referentes a 2013 apontam que 11 milhões de pessoas têm depressão no Brasil. No mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), será a doença mais incidente em 2030. Estudos mostram, ainda, que cerca de 10% da população, em algum momento da vida, apresentará um quadro depressivo.

Pensando no diagnóstico e tratamento mais adequados dessa doença que pode levar à morte, foi criado, no Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC), o Programa de Apoio ao Deprimido Refratário (Proadere).

Iniciado em abril deste ano, o Proadere tem como foco o acompanhamento, através de uma equipe de psicólogos e psiquiatras, de pessoas que apresentem depressão resistente. Os principais sintomas desses pacientes são humor deprimido quase todos os dias, pelo período mínimo de dois anos, e uso de mais de duas medicações antidepressivas, sem melhora.

“Se todos os pacientes fossem bem tratados, não haveria o quadro resistente de depressão. Entretanto, por razões várias – por exemplo,

aquele quadro depressivo realmente é mais grave, não foi conduzido de forma adequada, não foi diagnosticado precocemente etc. –, a doença torna-se crônica. Aí surge o Proadere, para dar um encaminhamento mais correto nesse processo”, explica o coordenador do programa, Prof. Fábio Gomes de Matos.

QUEM É ATENDIDO

São aceitos pacientes de outras unidades de saúde ou através de demanda espontânea, quando a pessoa com sintomas de depressão resistente agenda seu próprio atendimento. “Temos, em média, quatro atendimentos por terça-feira. A idade mínima é de 18 anos. No caso de pessoas que tenham comorbidades, como uso de drogas e álcool, elas devem ser tratadas antes. O álcool, por exemplo, é depressor”, comenta Matos.

Para cada caso que chega ao Proadere não se fala em cura, devido ao fato de a depressão ser uma doença crônica, mas em controle da enfermidade. “Se você pensar em saúde como qualidade de vida, existe a possibilidade de o paciente chegar a uma estabilidade”, destaca Sara Nogueira, psicóloga do programa. “A ideia não é o paciente ficar bom, mas ficar bem”, complementa Fábio Matos. • **CRISTIANE PIMENTEL**



Conheça outros serviços na área de saúde mental

Grupo de Estudos de Transtornos Afetivos (GETA)

– Atende pessoas com transtorno bipolar. Às quartas-feiras, das 14h às 17h. É necessário realizar agendamento pelo telefone (85) 98891 9246.

Projeto de Apoio à Vida (Pravida)

– Serviço de assistência terapêutica e prevenção voltado para pessoas que tentam o suicídio. Às quintas-feiras, com início da triagem para atendimento a partir das 12h. Recebe livre demanda (sem agendamento). A cada dia de atendimento são oferecidas seis vagas para pacientes que vão pela primeira vez ao serviço.



SERVIÇO

Proadere

Agendamento: (85) 98824 3760 (ligações e SMS, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h).

Mais informações: proadere@gmail.com ou (85) 3366 8149.

Endereço: Rua Capitão Francisco Pedro, 1290, Rodolfo Teófilo.

Atendimentos: terças, das 14h às 17h.

APOIO

Projeto da Psicologia atende familiares de dependentes químicos

RIBAMAR NETO



A Prof.ª Rebeca Oliveira é a facilitadora dos encontros do projeto

Entender o drama do uso de drogas e olhar o problema de forma ampliada, envolvendo indivíduo, família e sociedade. Com esse conceito, o projeto de extensão Flor de Dália – Famílias em Reconhecimento promove encontros com grupos de familiares de pessoas em contexto de drogadição.

As reuniões ocorrem na Clínica de Psicologia da UFC, no Campus do Benfica. A iniciativa é vinculada ao Parallaxe – Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica, do Departamento de Psicologia. O objetivo é estimular a troca de experiências e gerar reflexões, facilitando os meios para que as pessoas possam lidar de forma mais adequada com casos de uso de drogas na família.

“Observamos que a sociedade tem muita dificuldade de reconhecer a drogadição de forma macro. O olhar é voltado especificamente para o usuário, como se ele fosse alheio às condições em que está inserido, inclusive na família”, explica a Prof.ª Rebeca Oliveira, do Departamento de Psicologia, facilitadora dos encontros do projeto.

Segundo ela, familiares de pessoas que enfrentam problemas com drogas sofrem sobrecarga tanto por não terem informações básicas sobre a questão quanto pelo esgotamento emocional que a situação provoca.

As atividades incluem discussões sobre temas direcionados aos grupos, além de exibição de filmes, exposições de conteúdo, dinâmicas e arte-terapia. Pais, irmãos, parentes e amigos podem participar.

Os interessados devem entrar em contato pelos telefones (85) 3366 7689 e 3366 7690.

MEANDROS DA MISÉRIA

As percepções sobre a pobreza pelos mais vulneráveis

Pesquisa do Núcleo de Psicologia Comunitária entrevistou moradores do Bom Jardim e da comunidade Canafístula

AGÊNCIA BRASIL

Incomodada com um tipo de percepção que naturaliza a pobreza e culpa os pobres por tal condição, a Prof^a Verônica Ximenes resolveu se aprofundar nos meandros da miséria. Fez isso sob a ótica da psicologia, sendo uma das pioneiras nessa linha de pesquisa no Estado. Ao mesmo tempo, absorveu informações de diferentes áreas do conhecimento. Tudo para entender como esse modelo desigual repercute na subjetividade e compromete as potencialidades das pessoas mais vulneráveis.

Esse campo de estudo é hoje denominado Implicações Psicossociais da Pobreza, que é também o título do livro lançado recentemente na UFC, tendo a Prof^a Verônica como uma das organizadoras. Parte da obra – tida como marco dessa área de estudo no País – resulta das andanças do Núcleo de Psicologia Comunitária (Nucom), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Em 2012 e 2013, integrantes do Núcleo foram a duas comunidades pobres do Ceará: Canafístula, no município de Apuiarés (a 118 km de Fortaleza), e bairro Bom Jardim, na zona oeste da Capital. Em seguida, outra pesquisa do Nucom (que também poderá resultar em



O estudo indicou que as pessoas demonstram mais facilidade para reconhecer a pobreza no outro e menos em si mesmas

livro), ocorreu nos municípios de Pentecoste (a 92 km de Fortaleza), Humaitá, no Amazonas, e Cascavel, no Paraná.

Nas conversas entre pesquisadores e moradores, alguns aspectos sobressaem. Um deles mostra como é relativa a percepção sobre a pobreza. “Algumas pessoas dizem ‘eu não sou pobre, porque tenho onde morar e o que comer’. Isso

traz um novo significado, de ter o mínimo e, por isso, já não se considerar pobre, embora pela renda, pela estrutura física da comunidade, pela falta de saneamento, essas pessoas estejam na linha da pobreza”, explica a Prof^a Verônica.

A pesquisa também indicou que as pessoas demonstram mais facilidade para reconhecer a pobreza no outro, ou no contexto de uma situa-

ção hipotética. “Percebemos, ainda, o elemento do fatalismo, quando as pessoas atribuem o rumo de sua vida a Deus, a uma autoridade ou à sorte”, cita a pesquisadora. Para ela, isso pode ser positivo, uma vez que os indivíduos identificam algo a que se apegar para lidar com as dificuldades. Porém, há um ponto negativo, relacionado à ideia de conformismo.

• MARCOS ROBÉRIO



Bolsa Família: "incentivo à preguiça" ou necessidade?

Os pesquisadores do Nucom observaram, ainda, grande cobertura das políticas sociais implantadas nos últimos anos, sobretudo o programa Bolsa Família. O aumento no nível de escolaridade também é evidente: mais membros das famílias concluem o ensino médio e muitos chegam ao ensino superior. Outra mudança marcante é a redução no número de filhos por família.

Segundo a Prof^a Verônica Ximenes (foto), a visão de que “o Bolsa Família promove a preguiça” mostra-se equivocada. “Não é que as pessoas não queiram trabalhar. O que se vê, sobretudo nos contextos rurais, é que há poucas opções de trabalho: ou se trabalha na roça, ou na prefeitura ou em uma escola”, explica.



Como desafio para os próximos anos, ela ressalta que as políticas públicas precisam criar mais vínculos com as comunidades, não apenas no viés de dar benefícios, mas de entender como essas pessoas compreendem a realidade e como podem vislumbrar projetos coletivos para a melhoria de sua situação.



O que revelam as pessoas entrevistadas pelo Nucom

Comunidade de Canafístula

13,5% não estudaram

30,9% estudaram por até cinco anos (ensino fundamental incompleto)

30% estudaram 12 anos ou mais (ensino médio completo ou ensino superior).

64,7% recebem Bolsa Família.

50,7% se consideram nem ricas nem pobres

45,9% se consideram pobres.

Bairro Bom Jardim

2,9% dos entrevistados não estudaram

10,5% estudaram por até cinco anos (ensino fundamental incompleto) e

47,1% estudaram 12 anos ou mais (ensino médio completo ou ensino superior).

41,4% recebem Bolsa Família

67,6% se consideram nem ricas nem pobres

28,1% se consideram pobres.